

DA IDEALIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO URBANO À CONSTRUÇÃO DE UM PROJECTO SOCIAL DE SALVAGUARDA E REABILITAÇÃO

por

Marluci Menezes*

Resumo: Os processos de salvaguarda e reabilitação do património urbano lidam com o risco de minimização da complexidade dos contextos quando sobrelevam determinados valores (sociais, culturais, arquitectónicos, ambientais, etc.) em detrimento de outros, e descontextualizam os vários elementos que integram o ambiente patrimonial. O património destituído de dinâmica, do seu contexto de enquadramento e de complexidade é, em certo sentido, purificado através de uma tentativa de idealização e congelamento. Neste sentido, argumenta-se aqui sobre a, cada vez mais, pertinente promoção de uma cultura de projecto que viabilize a integração das perspectivas de salvaguarda e reabilitação com uma perspectiva de desenvolvimento e sustentabilidade do património urbano nas suas várias vertentes.

Palavras-chave: Projecto social; reabilitação urbana; projecto urbano e património.

Abstract: The process of urban heritage protection and rehabilitation face the risk of minimization of the complexity of the diverse existing contexts, when an excessive importance to some aspects (social, cultural, architectonic and environmental ones, etc.) is given in detriment of others, therefore removing several elements that integrate the patrimonial environment. When dynamics, framing context and complexity are eliminated, urban heritage is "purified" through a process of idealization and freezing. In this respect, the promotion of a "project culture" – in order to enable the integration of different protection and rehabilitation perspectives with the development and sustainability of urban heritage in its several dimensions – is considered in this paper.

Key-words: Social project; urban rehabilitation; urban project and heritage.

1. O interesse que a sociedade manifesta pelo património poderia ser simbolicamente interpretado através da ideia de reordenação de um presente descontínuo. Assim, através da ideia de *recuperação*, tem-se a sensação de que somos transportados

* Geógrafa, Doutora em Antropologia Social e Cultural, Investigadora do Núcleo de Ecologia Social (NESO) do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC). E-mail: marluci@lneec.pt

às cidades, memórias, momentos e objectos que, *a priori*, pareciam perdidos num passado longínquo. Essa inversão na relação com o passado reflecte, como referiu Yañez Casal (1994), a necessidade de reencontro com o “mito de fundação, o núcleo de identidade das nossas sociedades”, sendo que “a estratégia dessa inversão só pode processar-se, inventando uma nova mediação, a mediação do património e o discurso que o fundamenta. As coisas inertes e invisíveis, os desejos e velharias para onde tinha sido remetido o passado, tornam-se objectos de significação, readquirem uma nova função, a simbólica”, assim assumindo “um novo estatuto, o de ser *Património*” (idem).

Ora, a mediação do património se repercute também nas lógicas de produção e construção social de contextos urbanos com formas e modos (sociais, culturais, construtivos, arquitectónicos, urbanísticos, ambientais, etc.) historicamente mais vinculados que, assim assumem o estatuto de património urbano. E, aqui, é sugestivo pensar que, esse fenómeno de *recuperação, reencontro e/ou mediação*, é reciprocamente um questionamento sobre a nossa própria condição de *ser urbanos*. Será uma necessidade de reencontro com a peculiaridade dos lugares? Reencontro com os espaços intermediários, muitas vezes, diluídos nas grandes cidades? Reencontro com a *tradição e/ou com o primitivismo urbano*, o mito de fundação?

Por outro lado, deve-se também considerar que tal fenómeno de *recuperação* do património urbano é indicativo de um conjunto de situações, mais ou menos, próximas das dinâmicas de degradação do tecido urbano edificado, de periferização da função residencial e, paralelamente, de terciarização das áreas urbanas centrais, de multiplicidade de interesses económicos e políticos, de perda ou diminuição da vitalidade económica de certos contextos, de conflito entre ideias de modernização, inovação e preservação da cidade existente, de desenvolvimento do fenómeno de urbanização, de propagação das dinâmicas de concorrência entre as cidades e de *marketing* urbano, de pobreza e exclusão social, entre outros aspectos.

2. No âmbito das lógicas de recuperação do património urbano, a salvaguarda e a reabilitação emergem, então, como um acto de conciliação “entre o construir da sua própria contemporaneidade e a necessidade de conservar as memórias e a cultura dos lugares urbanos” (Aguiar et. al.: 1992). E, como há tempos salientou Valente Pereira (1986), essas lógicas de intervenção podem ser importantes contributos para se “reaver o bom conceito de cidade, o crédito de que a cidade dispunha e restituí-la à estima pública”.

3. Como património urbano e cultural, os vários elementos que integram a cidade histórica (e/ou existente) testemunham como a sociedade e a cultura se relacionam com o ambiente ao longo dos tempos. A cidade existente define-se, entre outros

aspectos, através da especificidade da sua fisionomia arquitectónica e urbana, do seu modelo de desenvolvimento social e urbano, dos materiais e técnicas de construção, dos seus recursos, das formas e modos como determinadas dinâmicas socioculturais se manifestam, bem como através da reprodução e reconfiguração continuadas de determinados imaginários urbanos. Dir-se-ia que essa especificidade define um contexto socio-ecológico que, como tal, integra múltiplas e diferentes dimensões e dinâmicas assim definindo uma dada complexidade.

4. Ao falar-se de salvaguarda e reabilitação do património ou da sua importância na dinamização dos contextos urbanos emerge, entretanto, dificuldades no lidar com a complexidade socio-ecológica dos contextos. Por um lado, a necessidade de busca ou de reencontro com as *coisas* do passado, pode desencadear um processo de descontextualização de determinados elementos, práticas, objectos que a, *a priori*, compunham a especificidade da cidade existente. Assim, esta cidade é como que purificada através de mecanismos simbólicos de descontextualização, onde o conflito, a diferença, as contrariedades, os problemas são como que escamoteados na criação de lugares idealizados ou, como diria Ascânio (2001), de *cenários de utopia*.

As formas como os elementos, práticas, objectos que integram a cidade são, muitas vezes, descontextualizados do ambiente social, urbano e cultural em que são criados, pode vir a promover um fenómeno de desconhecimento de uma dada realidade local, empobrecendo o recurso que é o património. Por exemplo, Fernandéz e Ramos (2001) ao se reportarem a indústria de turismo, referem que esse fenómeno de desconhecimento repercute-se junto aos residentes, na medida que “a quotidianidade da sua convivência com o recurso muitas vezes pode distorcer a percepção que este tem do verdadeiro valor atractivo”. Mas também repercute-se junto aos visitantes, na medida que “a desvalorização ou o desconhecimento do lugar ou sítio que se visita leva muitas vezes ao maltrato do recurso” (*idem*). Ainda de acordo com esses autores, a falta de conhecimento sobre as realidades que enquadram os diferentes contextos históricos, propicia a ocorrência de impactes negativos nos recursos e nos próprios lugares.

Por outro lado, a globalização da economia e respectiva culturalização do mercado tendem a uniformizar a imagem da cidade histórica, criando locais iguais ou semelhantes ao de outras cidades históricas. Desse modo, algumas áreas urbanas consideradas como património são estandardizadas em detrimento daquilo que lhes é específico, paralelamente à padronização das suas imagens, assim veiculadas globalmente como cidades culturais ou turísticas. É no âmbito dessas dinâmicas que, cada vez mais, se associa os processos de salvaguarda e reabilitação do património urbano a fenómenos de patrimonialização, culturalização, museificação, estetização, espectacularização das cidades históricas (Jacques: 2003; Jeudy: 2005).

5. Ao entender-se que a história dos contextos deva ser concebida como um processo, assim remetendo para a ideia de dinamicidade, é interessante observar que, em certos casos, o termo história emerge como uma derivação da variável tempo, apenas significando passado (Torrico: 1997). Tal tem implicações directas no âmbito da salvaguarda e reabilitação do património urbano, podendo colocar em risco a sua existência e/ou continuidade. No que concerne às dimensões sociais e culturais, alguns dos riscos mais proeminentes são: 1) o congelamento e/ou estagnação de determinados aspectos em detrimento de outros, de certo modo promovendo os interesses hegemónicos e a negação da dinamicidade e multidimensionalidade dos aspectos socioculturais; 2) o risco da criação de espaços sociais e urbanos segregados e estigmatizados, de certo modo expondo algumas das contrariedades de uma perspectiva de reabilitação/revitalização urbana que não se apoie na ideia de que a sociedade é dinâmica e multidimensional.

6. No prefácio de um recente livro que versa sobre intervenções em centros urbanos, Farret (2006) chama atenção para o facto de que “nunca é demais lembrar que projectos de requalificação – tanto como os de produção de espaços físicos –, socialmente construídos, geram, constroem e até impedem relações e comportamentos sociais, o que lhes dá uma carácter político, num tempo em que se intensificam, em nossas cidades, formas crescentes de segregação e exclusões sociais, mal disfarçadas pela racionalidade proposital-instrumental. E esta cria uma *camisa de força* da racionalidade burocrática, da qual não há como escapar. Daí a importância de evitar a cópia, a crítica da experiência externa e o risco de tratar o património urbano histórico como um simples *produto* a ser embalado para o consumo sem conteúdo!”

7. Fala-se aqui em fenómenos económicos, políticos, de moda, crise urbana dos centros modernos, crise de valores, pesquisa e investigação, lazer, curiosidade, oportunidade, etc. Mas uma questão de fundo precisa de respostas: como criar dinâmicas de manutenção sem descuidar do desenvolvimento, tendo para com isso, de fazer conciliar distintas lógicas de apreensão dos fenómenos, de acção e, por fim, de poder sobre o património urbano? A mediação incitada pelo recurso que é o património não será um dos possíveis caminhos para se tentar ultrapassar o conflito resultante da relação entre salvaguarda/conservação e desenvolvimento/reabilitação? Em síntese: nem tão light na intervenção, nem tão heavy na crítica da intervenção!

8. Michelucci (1990) fala-nos na importância da substituição de um ideal de *conservação-restauro* por um ideal de *manutenção-projecto*, entendendo que este último identifica a importância do lugar, vivendo-o e modificando-o. Aqui, a especificidade de um contexto – enquanto recinto conciliador do tempo/espaço, homem/

Locus, cultura/sociedade – a salvaguardar e reabilitar, dirige o nosso olhar às dinâmicas de manutenção e transformação socio-espacial. Isto torna possível realçar a ideia de que o projecto permite tratar o tempo vivido a partir da *imagem de um passado continuado no presente*. Mas também permite uma aproximação com as formas e modos presentes de representar, usar e apropriar o espaço da cidade.

9. Ao cruzar a ideia de projecto com determinadas dinâmicas de intervenção urbana é interessante discutir as seguintes associações: 1) a *reprodução/repetição* identifica o desenvolvimento de um património sem projecto ou que resulta no seu próprio projecto (ex: *conservação fundamentalista* ou a recriação da *autenticidade de um património etnológico* – como por exemplo é a criação de museu vivo; Bourdin: 1996); ou uma falta/dificuldade de iniciativa, intimamente relacionada com uma situação de precariedade socio-ambiental ou de falta de projecto; 2) *recuperação/(re)invenção*, identifica a possibilidade de projecto (como alternativa individual, social, económica e urbana), assim permitindo relacionar um desejo ou uma necessidade de reencontro com o vivido, com o desejo de mudar.

Ora, o ideal de salvaguarda e reabilitação urbana, *a priori*, tenciona incluir os objectos e os lugares da memória na história de um projecto urbano e de sustentabilidade. Resta-nos, contudo, reflectir sobre como tornar este ideal num projecto de sociedade que viabilize o desenvolvimento socio-urbanístico.

10. Correlacionar memória, património e projecto à uma estratégia urbana é uma maneira de integrar a *cidade existente* na globalidade urbana. Para Bourdin (1996) esta correlação permite colocar o “património em relação directa com os objectivos económicos e sociais, ao mesmo tempo em que inscreve-o nas dinâmicas do espaço urbano e concede uma regra (para não dizer função) a estas dinâmicas”.

Quando aqui si fala na importância do projecto ou melhor dizendo na construção de um projecto social de salvaguarda e reabilitação, pretende-se sobretudo realçar a importância em pensar a “cidade como projecto” (Ferreira: 2001, 2004).

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AGUIAR, J.; REIS CABRITA, A.; VASCONCELOS PAIVA (1992). “Conservação e Reabilitação do Património Edificado, Evolução das Necessidades e Qualificações Profissionais”; Comunicação apresentada no Seminário “Profissões do Futuro”, Póvoa do Varzim, Portugal (doc. policopiado).
- ASCANIO, ALFREDO (2001). El turismo cultural: gestión de partes interesadas y la complejidad del equilibrio. In: [ascanio.htm](http://www.naya.org.ar/turismo/congreso/ponencias/alfredo_ascanio.htm) http://www.naya.org.ar/turismo/congreso/ponencias/alfredo_ascanio.htm.
- BOURDIN, ALAIN (1996). “Su quoi fonder les politiques du patrimoine urbain”. In: *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.º 72, Paris.

- CASAL, YAÑEZ (1994). "Arqueologia, Antropologia e Património". In: *Ethnologia*, n.º 1-2, Revista do Departamento de Antropologia da UNL, Lisboa.
- FARRET, RICARDO L. PREFÁCIO (2006). In: VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana L. Howrad de – *Intervenções em Centros Urbanos – Objectivos, estratégias e resultados*. Editora Manole.
- FERNANDÉZ, GUILLERMINA; RAMOS, ALDO GUZMÁN (2001). El Patrimonio histórico-cultural revalorizado en el marco de un desarrollo sustentable del turismo. In: http://www.naya.org.ar/turismo/congresso/ponencias/aldo_ramos.htm.
- FERREIRA, VÍTOR MATIAS (2001). "Protagonismo urbano e projecto de cidade – a condição pública e patrimonial das cidades". In: *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º 2. Centro de Estudos Territoriais, ISCTE, Lisboa, pp. 33-45.
- FERREIRA, VÍTOR MATIAS (2004). *Fascínio da Cidade – Memória e Projecto da Urbanidade*. Lisboa, Ler Devagar.
- JACQUES, PAOLA BERENSTEIN (2003). Património cultural urbano: questões contemporâneas. In: *Actas do 3.º ENCORE – Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios*; Vol. 2. Lisboa: LNEC.
- JEUDY, HENRI-PIERRE (2005). *Espelho das Cidades*. Rio de Janeiro. Casa da Palavra Produção Editorial.
- LUZ VALENTE, MARIA (1986). *Reabilitar o Urbano ou como Restituir a Cidade à Estima Pública*; ITE 16, Lisboa. LNEC.
- MICHELUCCI, GIOVANNI (1990). "Manutenzione e Progetto", in *Centro Storico – Restauro o Progetto? – I Confini della Città*. Firenze. Fondazione Giovanni Michelucci.
- TORRICO, JUAN AGUDO (1997). "Patrimonio Etnológico: problemática en torno a su definición y objetivos", *PH: Boletín del Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico*, Año IX, n.º 36, Sevilla, Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico.